

PARA MULHER EMPREENDEDORA: Falta experiência e acesso ao crédito

Sexta, 11 Dezembro 2015



A FALTA de experiência, qualificação e preparo em gestão de negócios, bem como questões culturais dentro e fora das famílias impõem barreiras para que as mulheres empreendedoras sejam aceites no mercado de trabalho e mereçam confiança dos parceiros.

A dificuldade de acesso ao crédito, parcerias de trabalho, políticas sectoriais de promoção e divulgação dos produtos, ausência de planificação são alguns factores de risco para o sucesso de pequenos negócios geridos e detidos pela mulher.

Estas e outras conclusões constam em vários estudos sobre a mulher nas pequenas e médias empresas apresentadas esta semana, em Maputo, durante a Conferência Internacional sobre Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres (CIGEM), co-organizada pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Cooperação Italiana.

Com a realização do encontro, pretendia-se aprofundar o conhecimento sobre as características das pequenas e médias empresas lideradas por mulheres; o acesso das mulheres moçambicanas aos instrumentos financeiros para sustentar actividades económicas por si idealizadas.

Tratou-se de um espaço onde diversos intervenientes discutiram o acesso ao financiamento bancário; a situação das mulheres na pesca, agricultura, hotelaria e turismo, serviços de catering, comércio interno e transfronteiriço de produtos agrícolas, entre outros, que fazem a

actualidade, procurando identificar as boas práticas, nacionais e internacionais, de promoção do empreendedorismo feminino.

A ideia tem fundamento no reconhecimento de que o desenvolvimento de uma nação é também determinado pela igualdade de acesso às oportunidades e pela inclusão de todos os actores sociais, sobretudo da mulher, em todos os domínios da vida política, socioeconómica e cultural.

Os estudos de campo foram realizados por diversas instituições ligadas à UEM, nomeadamente a Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Faculdade de Direito, Escola de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto (ESNEC), Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI), Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras de Quelimane (ESCMCQ) e Escola Superior de Desenvolvimento Rural (ESUDER).

HOMENS DECIDEM DESTINO DA RENDA



Apesar dos avanços alcançados para o ingresso da mulher no mercado de trabalho, principalmente na área do empreendedorismo, os maridos ainda decidem sobre a aplicação do rendimento do negócio da mulher.

Esta é uma das constatações do estudo sobre o envolvimento da mulher na prática da aquacultura na província da Zambézia, levado a cabo por pesquisadores da Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras de Quelimane (ESCMCQ).

O estudo, apresentado durante a conferência sobre género, identificou as oportunidades e obstáculos no acesso ao mercado dentro das cadeias de valor e padrões de acesso ao crédito formal e informal, bem como as práticas adoptadas pelas mulheres na mitigação dos riscos originados pela prática da piscicultura.

Rodrigues Pita Francisco, um dos autores da pesquisa, revela que falar de acesso ao crédito nas zonas rurais constitui um mito, uma vez que a maior parte das mulheres dispõe de uma fraca capacidade de endividamento e muita aversão ao risco de incumprimento.

“Há muitos constrangimentos que ainda norteiam o sector da aquacultura nos distritos por nós estudados. Embora os homens se recusem a assumir, eles é que acabam decidindo o destino do valor arrecadado pela mulher na piscicultura”, explicou.

Outras situações, ligadas ao desvio de aplicação do valor alocado no âmbito do Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD), foram sendo reportadas nalguns distritos onde se pratica aquela actividade.

“Tivemos um caso de um piscicultor que tinha cinco tanques, dois dos quais da mulher e filha, e recebeu 100 mil meticais para o fomento da actividade. Mas, acabou usando este valor para outro fim que não era a piscicultura, alegando falta de rentabilidade no negócio”, afirmou.

TENSÕES FAMILIARES DIFICULTAM INGRESSO



As tensões entre a família e a carreira impedem que a mulher ingresse no mercado de trabalho e prospere no mundo do negócio no sector da hotelaria e turismo, com potencial para geração de renda extra e sustento da família.

As mulheres casadas obtêm alguma estabilidade relativa e enfrentam menos dificuldades na busca de soluções para os problemas do dia-a-dia e do seu trabalho, comparativamente às solteiras e viúvas.

Segundo Djemilo Cardoso, coordenador de pesquisa da Escola Superior de Turismo (ESHT) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), subordinada ao tema “Empreendedorismo das mulheres da indústria turística em Inhambane – perfil, porte, sustentabilidade e dificuldades na

gestão de empresas”, o cônjuge constitui um elemento importante ao apoiar a entrada da mulher no mercado de trabalho.

A pesquisa pretendia identificar a grandeza dos negócios turísticos das mulheres empreendedoras, possibilidade de acesso aos fundos, motivações para a realização do negócio e estrutura demográfica das mulheres empreendedoras.

Para o pesquisador, há sinais de que os papéis de género estejam a ser negociados em prol do reconhecimento da mulher como um agente importante para a geração de renda, ao mesmo tempo que são quebradas algumas barreiras impostas tradicionalmente à mulher.

“Notamos que as relações de género desenvolvidas dentro da família têm contribuído favoravelmente para a melhoria da condição da mulher e as dificuldades que persistem representam um processo contínuo de mudanças que atende a conjuntura social, cultural e económica do país”, acrescentou.

FALTA DE FORMAÇÃO INTERFERE NA GESTÃO



O baixo nível de escolaridade, fraco acesso aos serviços financeiros e o estabelecimento de relações débeis com cadeias de valor são alguns dos elementos socioeconómicos que interferem nas práticas empreendedoras da mulher no sector do turismo.

Para Rosana da Glória, pesquisadora da Escola Superior de Desenvolvimento Rural de Vilankulo, da Universidade Eduardo Mondlane, as microempresas pertencentes ou geridas por mulheres no sector de turismo, na província de Inhambane, são caracterizadas pela formação de vínculos informais nas relações com as cadeias de valor.

Partindo do pressuposto de que as mulheres são a base de sustento das famílias de baixa renda, alívio à pobreza em países em desenvolvimento, os negócios da mulher têm sido geridos sem qualquer planificação, apesar de algumas disporem de folhas e mecanismos para o efeito.

A fonte avançou estes dados na Conferência Internacional sobre Género e Empoderamento da Mulher, durante a apresentação do tema “Contributo das pequenas e médias empresas do sector do turismo no empoderamento socioeconómico das mulheres na província de Inhambane”.

Rosana da Glória avançou que mais de metade das mulheres empreendedoras não dispõe de nenhuma formação vocacional ou académica, enquanto a outra teve capacitação em gestão de negócios e hotelaria e turismo.

Depois de inquirir 42 mulheres proprietárias de micro e pequenas empresas, com enfoque para estabelecimentos de alojamento, alimentação, bebidas e eventos e catering, verificou-se que a maioria não tinha mais de 10 anos de experiência no sector.

Os negócios na sua maioria foram firmados com fundos próprios da mulher, do cônjuge, do casal ou empréstimo de familiares e amigos, enquanto poucos deles tiveram financiamento do Governo ou agências não-governamentais de apoio ou de microfinanças.

EMPRÉSTIMO A FAMILIARES COMO ALTERNATIVA AO CRÉDITO

As altas taxas de juros praticadas pelas instituições bancárias e os procedimentos complexos exigidos fazem com que muitas mulheres empreendedoras recorram à poupança informal, vulgo xitique, e a empréstimos familiares como alternativa ao crédito bancário.

As dificuldades de aceder ao Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD) e o desconhecimento das modalidades para empréstimo são alguns factores que minam as actividades de confecção de alimentos e catering nos espaços transfronteiriços da província de Maputo.

Segundo Almeida Machava, investigador da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane, 35 por cento das empreendedoras dizem não ter fonte alternativa de financiamento e casos de dificuldades financeiras levar-lhes-iam à paralisação das actividades.

“Os empreendimentos nascem de fundos próprios, poupanças familiares e outros negócios que já vinham sendo desenvolvidos e, na sua maioria, não possuem contabilidade organizada e nem conseguiram disponibilizar a informação financeira”, explicou Machava.

Uma das situações constatadas nos distritos de Namaacha, Matutuíne e Ressano Garcia, é que a maior parte das empresárias não possui informação da relação do valor dos seus bens físicos e somente 20 por cento das empresas usam os serviços de cheque e transferências bancárias.

“Notamos também que há uma fraca consciência da necessidade de reinvestimento do capital por parte das empresárias e de que os papéis de género podem ser alterados sem a destituição do papel social do seu parceiro”, acrescentou.

Para a superação desses obstáculos, Machava recomenda a adopção de uma política de género mais abrangente sob ponto de vista económico, social e financeiro, e que privilegia acções de afirmação da mulher como empreendedora.

ANA RITA TENE

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/47680-para-mulher-empreendedora-falta-experiencia-e-acesso-ao-credito>